



Os mil pássaros de Sadako

PARTE 2

Kenji

Todos punham pedaços de papel de lado para as gruas de Sadako. Chizuko trouxe-lhe o papel que a Turma Bambu tinha oferecido; o senhor Sasaki recuperava todo o papel que podia no salão de cabeleireiro. Até a senhora Yasunaga lhe oferecia embalagens de medicamentos. Conforme prometera, Masahiro pendurou todos os pássaros no tecto do quarto. Às vezes, ficavam vários suspensos do mesmo fio.

Durante os meses seguintes, Sadako sentiu-se um pouco melhor. No entanto, o Dr. Numata preferiu que ela continuasse no hospital. A menina sabia que estava com leucemia, mas também sabia que algumas pessoas se curavam. Tinha esperança de vir a ser uma delas. Nos dias que corriam bem, o tempo passava depressa entre os deveres da escola, as visitas, que ela distraía com jogos, adivinhas e canções, e as cartas que escrevia a amigos e correspondentes. As noites eram consagradas às gruas de papel. Sadako já tinha mais de trezentas, impecavelmente dobradas. Os seus dedos já se haviam habituado à tarefa: trabalhavam depressa e nunca se enganavam.

Nos dias que corriam mal, tinha dores. Pouco a pouco, a doença da bomba tirara-lhe todas as energias. Quando não estava prostrada, com enxaquecas horríveis que a impediam de ler e escrever, tinha a sensação de que os seus ossos estavam a arder.

As vertigens, cada vez mais frequentes, mergulhavam-na num torpor imenso. Sentia-se fraca demais para fazer o que quer que fosse. Ficava então sentada junto da janela e olhava com inveja o ácer do pátio. Passava horas a observá-lo, com a grua dourada no regaço. Naquele dia estava



particularmente cansada, mas a senhora Yasunaga insistiu em levá-la na cadeira de rodas até ao pórtico cheio de sol. Aí, Sadako encontrou Kenji pela primeira vez. Tinha nove anos e era pequeno para a idade. A cara era magra e os seus olhos negros brilhavam.

— Olá! Chamo-me Sadako.

Kenji saudou-a docemente, numa voz apagada. Em breve estavam a falar como se se conhecessem desde sempre. Kenji já estava no hospital há muito tempo, mas tinha poucas visitas. Era órfão e morava com uma das tias numa cidade próxima.

— É tão velhinha que só vem ver-me uma vez por semana — confessou a Sadako. — Passo a maior parte do tempo a ler.

Sadako virou a cabeça quando viu o rosto de Kenji ensombrar-se.

— Não é grave — suspirou o menino — porque vou morrer em breve. Tenho a doença da bomba.

— Mas isso é impossível — replicou Sadako. — Nem sequer eras nascido quando a bomba caiu.

— O veneno contaminou o corpo da minha mãe e ela transmitiu-mo.

Sadako gostaria de o reconfortar, mas nem sabia o que dizer. De repente, lembrou-se da lenda das gruas.

— Podias fazer *origami* como eu — sugeriu-lhe. — Ainda pode acontecer algum milagre!

— Já conheço a história das gruas — respondeu Kenji, tranquilamente — mas é demasiado tarde. Nem mesmo os deuses podem ajudar-me...

A enfermeira juntou-se a eles e perguntou ao menino, num tom severo:

— Kenji, como podes falar assim?

O rapaz lançou-lhe um olhar intenso:

— Não sou nenhum idiota! Além do mais, sei ler. Os resultados das minhas análises estão cada vez piores.

A enfermeira ficou perturbada.

— Com essa tagarelice vais cansar-te ainda mais...

Levou Kenji de volta para o interior do hospital.

Quando Sadako voltou para o quarto, estava pensativa. Tentou imaginar-se doente e sem família. Achava que Kenji era um menino muito corajoso. Fez uma grua no seu papel mais bonito e lançou-o para dentro do quarto do menino, que ficava em frente ao seu. Será que o pássaro iria dar-lhe sorte? Sadako dobrou mais alguns *origami* para a sua colecção.

Trezentos e noventa e oito...

Trezentos e noventa e nove...

No dia seguinte, Kenji não estava no pórtico. Sadako tinha ouvido barulho no corredor a altas horas da noite, o barulho de uma cama a ser deslocada. A senhora Yasunaga veio anunciar-lhe a morte do amigo. Sadako virou-se para a parede e deixou correr as lágrimas. A enfermeira

colocou-lhe suavemente a mão no ombro com gentileza.

— Vem sentar-te junto da janela para falarmos um pouco — convidou-a.

Sadako parou de soluçar e pôs-se a olhar o luar.

— Acha que o Kenji está lá em cima, no mar de estrelas?

— Onde quer que esteja, estou certa de que está feliz — respondeu-lhe a enfermeira. — Já se libertou do corpo fatigado e doente. O seu espírito é agora livre.

Em silêncio, Sadako escutava o rumorejar das folhas do ácer.

— Sou eu a seguir, não sou?

— Claro que não! — respondeu-lhe a enfermeira, sacudindo energicamente a cabeça. — Trouxe-te um pedacinho de papel colorido. Vais fazer uma grua para mim antes de te deitares. Quando tiveres acabado os teus mil pássaros, já serás velhinha.

Sadako queria muito acreditar no que a enfermeira lhe dissera e pôs-se a fazer mais pássaros.

Quatrocentos e sessenta e três... Vou ficar boa depressa...

Quatrocentos e sessenta e quatro... Vou ficar boa depressa...

Centenas de desejos

Chegou o mês de Junho e com ele os aguaceiros. Dia após dia, uma chuva tão cinzenta como o céu fustigava as janelas. A água escorria ao longo das folhas da árvore do pátio. O quarto começou a cheirar a mofo. Até os lençóis estavam húmidos.

Sadako empalidecia a olhos vistos e perdera totalmente as forças. As únicas visitas autorizadas eram as dos pais e as de Masahiro, o irmão mais velho. A turma ofereceu-lhe uma boneca *Kokeshi* para a animar. Sadako gostava muito do sorriso melancólico da boneca de madeira, bem como das rosas vermelhas pintadas no quimono. Pô-la na mesa-de-cabeceira, ao lado da grua dourada.

A senhora Sasaki sentia-se inquieta porque a filha não se alimentava devidamente. Um dia, trouxe-lhe uma surpresa, embrulhada num *furoshiki*. No quadrado de tecido vinha tudo aquilo de que Sadako mais gostava: paté imperial, frango e arroz, ameixas em calda e bolos de soja.

Sadako reclinou-se nas almofadas e tentou comer. Mas em vão: as gengivas inflamadas doíam-lhe tanto que não conseguia mastigar. Acabou por desistir. Afastou a comida com as mãos. Os olhos da mãe brilhavam como se fosse chorar. Sadako exclamou:

— Sou lenta como uma tartaruga.

Não queria que a mãe se sentisse mal. Sabia que a família não podia dar-se ao luxo de comprar comida tão cara. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos, mas apressou-se a limpá-las.

— Não te aflijas — tranquilizou-a a mãe, abraçando-a. — Em breve estarás melhor. Nessa altura...

A senhora Sasaki leu poemas, com a filha aninhada no colo dela. Quando Masahiro chegou,

a irmã estava mais tranquila e feliz. Masahiro contou-lhe as últimas novidades da escola e debicou o jantar-surpresa. Antes de se ir embora, disse:

— Já me esquecia! O Eiji manda-te uma prenda.

Enfia a mão no bolso e tira um pedaço de papel prateado e amarrotado.

— Diz que é para fazeres uma grua.

Sadako cheirou o papel.

— Hum... Cheira-me a açúcar cristalizado. Espero que os deuses gostem.

Desataram os três a rir. Há vários dias que Sadako não se ria. Era bom sinal. Será que a magia da grua dourada já tinha começado a fazer efeito? Alisou o papel e fez um pássaro. Quinhentos e quarenta e dois... Mas estava demasiado cansada para continuar. Estendeu-se na cama e fechou os olhos. Ao sair do quarto em bicos de pés, a senhora Sasaki murmurou um poema que recitava a Sadako quando esta era bebé:

Oh! Nuvem de gruas celestes

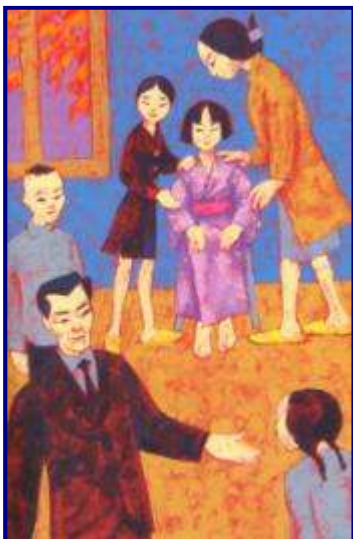
Protegei o meu filho

Com as vossas asas.

Os últimos dias

Naquele fim de Julho, o sol brilhava e fazia calor. Sadako parecia estar melhor.

— Já ultrapassei as quinhentas gruas — disse a Masahiro. Sinto que vai acontecer algo de bom.



Com efeito, o apetite voltara e as dores eram agora menos fortes. Contente com os progressos de Sadako, o Dr. Numata anunciou que Sadako ia poder passar uns dias a casa. Nessa noite, Sadako estava tão excitada que não conseguia dormir. Continuou a fazer gruas para que a magia perdurasse.

Seiscentas e vinte e uma...

Seiscentas e vinte e duas...

Que bom era estar em casa, com a família, a passar as férias grandes! Celebrava-se o *O Ban*, a festa dos mortos, que regressavam à terra para visitar os seus entes queridos. A senhora Sasaki e Mitsue limpavam a casa com desvelo. Havia flores sobre a mesa. A grua dourada e a boneca também lá estavam. Cheirava às iguarias deliciosas dos dias de festa. No altar havia bolos de soja e bolas de arroz dispostos em pratinhos, para os espíritos que estavam de visita. Ao cair da tarde, a senhora Sasaki pendurou uma lanterna por cima da porta para que eles não se perdessem na escuridão. Sadako suspirou de alegria. Talvez não tivesse de regressar ao hospital.

Durante vários dias, os amigos e familiares visitaram-na continuamente. No fim-de-

semana, a menina estava de novo pálida e cansada. Contentava-se em ficar sentada, sem se mexer, a olhar para os que estavam à sua volta.

— A Sadako é agora uma menina muito educada — disse o pai. — A avó deve estar contente ao ver a neta comportar-se tão bem.

— Como podes falar assim? — insurgiu-se a esposa. — Dava tudo para ter de volta a nossa filha irrequieta.

Precipitou-se para a cozinha enquanto enxugava as lágrimas.

“Estão todos tristes por minha causa”, pensou Sadako “Gostava tanto de voltar ser com dantes. A mamã ficava tão contente!”

Como se lesse os pensamentos da filha, o senhor Sasaki disse-lhe num tom sacudido:

— Então, vá lá... Não te preocupes. Depois de uma boa noite de sono, vais sentir-te melhor.

No dia seguinte, Sadako teve de voltar ao hospital. Pela primeira vez, sentiu-se feliz por regressar à tranquilidade do seu quarto. Os pais ficaram com ela durante muito tempo. De vez em quando, Sadako mergulhava numa estranha sonolência.

— Quando morrer — pediu-lhes — prometem que colocam os meus bolos de soja preferidos no altar, para acolherem o meu espírito?

Demasiado emocionada para falar, a senhora Sasaki apertou com força a mão da filha.

— Chiu... — murmurou o pai, numa voz estranha. — Ainda falta muito tempo para que isso aconteça. Não desistas, filha. Só faltam algumas centenas de guas.

A enfermeira trouxe calmantes. Antes de fechar os olhos, Sadako tocou ao de leve na grua dourada.

— Em breve estarei boa — sussurrou à boneca — e um dia vou correr tão depressa como o vento.

O Dr. Numata fazia-lhe transfusões e dava-lhe injeções quase todos os dias.

— Sei que tens dores, mas não podemos baixar os braços.

A menina anuiu com a cabeça. Nunca se queixava, apesar das dores quase permanentes. Um sofrimento ainda mais horrível a dominava: o medo da morte. Felizmente que a grua dourada a ajudava a resistir, lembrando-lhe de que era preciso manter a esperança.

A senhora Sasaki passava cada vez mais tempo no hospital. Todas as tardes, Sadako ouvia o barulho familiar dos sapatos de plástico que as visitas do hospital tinham de calçar. Os da mãe faziam um barulho particular. Sadako tinha consciência da profunda inquietação da mãe.

As folhas do ácer estavam revestidas de tons de ferrugem e ouro quando os Sasaki vieram fazer uma das últimas visitas a Sadako. Eiji entregou à irmã um embrulho em papel dourado, atado com uma fita vermelha. Sadako abriu-o lentamente e encontrou um quimono em seda estampada com flores de cerejeira. É a prenda que a mãe tanto queria oferecer-lhe. A menina ficou os olhos cheios de lágrimas.

— Nunca vou poder usá-lo e é tão caro!

— Sadako — disse-lhe o pai, num tom de voz doce — a tua mãe deitou-se ontem muito tarde para acabar de o coser. Que tal se o experimentasses, para ela ver se te fica bem?

Sadako teve muita dificuldade de sair da cama. A mãe ajudou-a a enfiar o quimono e a colocar a banda à cinta. A menina ficou contente por ninguém ver as suas pernas inchadas. Atravessou o quarto num passo hesitante e foi sentar-se no sofá junto da janela. Todos se extasiaram diante daquela bela princesa.

Chizuko entrou nesse momento. O Dr. Numata deu-lhe permissão para uma curta visita.

— Fica-te melhor do que o uniforme da escola! — exclamou.

Todos se riram, incluindo Sadako.

— Então, quando estiver melhor, levo-o todos os dias para a escola — brincou.

Mitsue e Eiji riram-se da ideia. Todos tinham a impressão de reviver os bons momentos passados em família. Entretiveram-se com jogos de letras e trautearam as canções favoritas de Sadako. Esta nem se mexia no sofá e tentava por tudo esconder-lhes o seu sofrimento.

A presença deles valia o sacrifício. Quando se foram embora, os pais pareciam quase alegres.

Antes de adormecer, Sadako só conseguiu fazer uma grua. Seiscentos e quarenta e quatro... Seria a última.

Correr tão veloz como o vento

Enquanto enfraquecia a olhos vistos, Sadako pensava cada vez mais na morte. Será que iria viver numa montanha celeste? Será que morrer dóia? Será que apenas adormecíamos?

“Se ao menos pudesse deixar de pensar na morte”, disse Sadako para consigo mesma. Mas isso seria como impedir a chuva de cair. A menina não conseguia concentrar-se em nada muito tempo seguido: a morte vinha-lhe constantemente à ideia.

Em meados de Outubro, Sadako começou a perder a noção do tempo. Quando acordou uma manhã, viu a mãe a chorar.

— Não chores, peço-te.

Sadako gostaria de a reconfortar, mas não conseguia mexer nem a boca nem a língua. Uma lágrima deslizou-lhe pela face. A família sofria tanto por sua causa! Talvez bastasse dobrar mais algumas gruas e esperar por um milagre? Ainda pegou num quadrado de papel, mas os seus dedos inchados já não conseguiam fazer nada. “Sou mesmo uma tartaruga. Nem um pássaro consigo fazer.” Sadako tentou dobrar o papel, antes de desfalecer.

Alguns minutos, que pareceram horas, mais tarde, o Dr. Numata entrou e pôs-lhe a mão na testa. Tirou-lhe o papel das mãos com cuidado. Sadako já quase não o ouviu dizer:

— Tens de descansar. Amanhã continuas.

A menina disse que sim com a cabeça. Amanhã... Como amanhã vem longe...

Quando acordou, a família estava reunida em volta dela. Sadako sorriu-lhes. Sentia que

fazia e fazia sempre parte daquele círculo cheio de amor e carinho, e que isso nunca iria alterar-se. De repente, começou a ver luzes a dançar diante dos olhos. Estendeu uma mão trémula em direcção à grua dourada. As forças fugiam-lhe, mas o pássaro de papel transmitia-lhe uma grande energia.

Sadako ergueu os olhos para todas as gruas suspensas do tecto. Nesse mesmo instante, uma ligeira brisa de Outono fê-las ondular. Pareciam vivas e dir-se-ia que queriam sair pela janela. Que beleza! Que liberdade! Sadako suspirou e fechou os olhos.

Para não mais os abrir.



Epílogo

Sadako Sasaki morreu a 25 de Outubro de 1955. Os seus colegas de turma dobraram trezentos e cinquenta e seis gruas para que ela fosse enterrada com mil pássaros. O seu desejo de viver longamente foi assim, de alguma forma, realizado, uma vez que viverá para sempre no coração de todos.

Depois das exéquias, a Turma Bambu publicou um livro com as cartas de Sadako, e intitularam-no *Kokeshi*, em memória da boneca que lhe tinham oferecido no hospital. O livro viajou por todo o Japão e celebrizou a história de Sadako e dos mil pássaros de papel. Os seus amigos sonhavam construir um monumento que eternizasse a memória de Sadako e de todas as crianças mortas pela bomba atómica. Jovens de todo o país uniram esforços e ajudaram-nos a recolher fundos para esse projecto. Em 1958, o seu sonho tornou-se realidade: no Parque da Paz, em Hiroshima, foi descerrada uma estátua de Sadako, que aparece no topo de uma montanha celeste em granito, com uma grua de ouro nas mãos.

Um clube de gruas feitas em *origami* foi fundado em sua honra e, todos os anos, no dia 6 de Agosto, os seus membros depõem junto da estátua milhares de gruas em papel. Nesse dia, o Dia da Paz, aproveitam para formular um desejo. Esse desejo encontra-se gravado na base da estátua:

Eis o nosso clamor
Eis a nossa prece
Para construir a paz no mundo.

Eleanor Coerr
Les mille oiseaux de Sadako
Toulouse, Éditions Milan, 2003
(Tradução e adaptação)